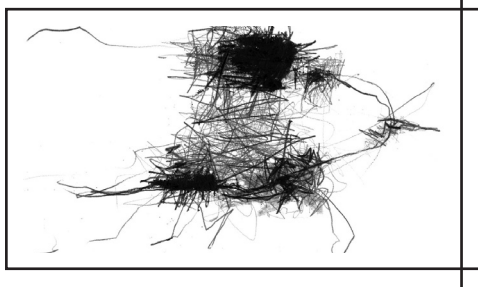
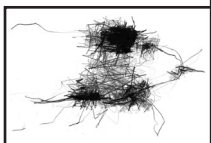


ENSAIO





## A NARRATIVA DE DEUS NA SOCIEDADE PÓS-TUDO: A ESTRATÉGIA IRÔNICA DE KIERKEGAARD

Alvaro L. M. Valls\*

**Resumo** – Após o primeiro milênio, toda a Europa estava conquistada para o cristianismo. Cristandade era sinônimo de civilização ocidental, sucedia ao Império Romano. Esse estado de coisas não resistiu outros mil anos. Em meados do século XIX, o pensador dinamarquês Søren Kierkegaard percebe que há algo de podre no reino da Dinamarca, e não só ali. Apesar da síntese de cristianismo e sistema filosófico, de cristandade e cultura, de Goethe e Hegel, algo não convence. O novo paganismo impera, sob a fachada sagrada da cristandade. Se Nietzsche vai acabar com a metafísica, Kierkegaard já pressente o final da cristandade. A metáfora do "exumar" se aplica à tarefa de Kierkegaard, mas: o que pode querer dizer "exumar os conceitos do cristianismo"? Significa dizer que sua missão não consistiu em "pregar o cristianismo" nem em inventar alguma nova doutrina religiosa, tampouco numa reconstrução filosófica do cristianismo, mas antes, consistiu em reencontrar e desenterrar aqueles conceitos em sua originalidade/primitividade, e em trazer à luz do dia aspectos essenciais dos conceitos fundamentais do cristianismo.

**Palavras-chave:** Kierkegaard, cristianismo, ironia, Deus, discurso pós-metafísico.

### UMA ESTRANHA INVESTIGAÇÃO DE CONCEITOS

Com Darwin, que festejamos no ano passado, Kierkegaard não teve nenhum contato significativo, mas sim com um outro naturalista do século XIX, Peter Wilhelm Lund, que viveu por cinco décadas em Minas Gerais, na região de Lagoa Santa. O Dr. Lund era seu concunhado, e foi numa carta a este (de 1835, endereçada ao Brasil) que ele decidiu dedicar sua vida e seus estudos às questões do sentido. Nos *Diários (Papirer)*, encontramos uma anotação, de 1850, em que compara sua missão pessoal com a do contraparente.

*Wilhelm Lund* – Ocorreu-me hoje a ideia de quanto sua vida assemelha-se à minha. Assim como ele vive no Brasil, perdido para o mundo, mergulhado nas escavações dos fósseis antediluvianos, assim vivo eu, como se estivesse fora do mundo, perdido a exumar os con-

---

\* Doutor e mestre em Filosofia pela Universität Heidelberg (Ruprecht-karls). Professor do Programa de Pós-Graduação em Filosofia da Universidade do Vale do Rio dos Sinos (Unisinos). Pesquisador do CNPq.

ceitos cristãos. Ai de mim! – e dizer que vivo na cristandade, onde o cristianismo está em plena floração, ergue-se em sua exuberância com seus mil pastores, e onde todos somos cristãos (KIERKEGAARD, 1909, X3 A 239).

A metáfora do "exumar" se aplica à tarefa de Kierkegaard, mas: o que pode querer dizer "exumar os conceitos do cristianismo"? Significa dizer que sua missão não consistiu em "pregar o cristianismo" nem em inventar alguma nova doutrina religiosa, tampouco numa reconstrução filosófica do cristianismo, mas antes consistiu em reencontrar e desenterrar aqueles conceitos em sua originalidade/primitividade, e em trazer à luz do dia aspectos essenciais dos conceitos fundamentais do cristianismo do Novo Testamento (NT), o que implicou decerto uma crítica, em especial a formas que à sua época passavam por cristãs.

Ora, deixemos o Dr. Lund no Brasil e comparemos rapidamente Kierkegaard com o alemão Feuerbach (*A essência do cristianismo*, de 1841); ambos se referem ao "Cristianismo do Novo Testamento", mas Feuerbach "interpreta-o", isto é, faz da teologia antropologia e da religião relações humanas. Bem diferente em Kierkegaard: este preserva a religião em sua linguagem específica de representação, narrativa, testemunho, querigma e, a partir dela, elabora uma filosofia – que não quer ser metafísica. Kierkegaard comenta que uma falha da crítica feuerbachiana teria consistido em ele se marginalizar e combater a Igreja de fora, o que teria facilitado a tarefa dos defensores do *status quo*. Já a ironia atua de outra maneira: conforme Hegel, pode-se dizer que ela deixa estar o que já morreu, como se ainda estivesse vivo; como se ainda valesse o que já não vale mais. Vai mostrando, porém, como só a casca subsiste. Vejamos agora como o mestre da ironia fazia para falar de seu Deus.

## **A IRONIA NÃO É A VERDADE, MAS É O CAMINHO, A TAREFA DO NOSSO TEMPO**

Na conclusão de sua tese sobre *O conceito de ironia* (1841), Kierkegaard (1991, p. 278-279, grifo do autor) escreve:

É preciso ter coragem para resistir ao encanto da tristeza, quando nos quer ensinar a falsear toda alegria em melancolia, toda nostalgia em privação, toda esperança em lembrança; é preciso coragem para querer aí ser alegre; mas daí não se segue de jeito nenhum que um adulto que não passa de uma criança grande, com um sorriso de náusea e um olhar bêbado de alegria, tenha mais coragem do que aquele que, curvado pelos cuidados, não sabe mais sorrir. Assim também com a ironia. Se é preciso se precaver contra a ironia como diante de uma sedutora, igualmente é preciso recomendá-la como *guia para o caminho*. E exatamente em nosso tempo é preciso recomendá-la desta maneira. [...] A ironia é, como o negativo, o caminho; não a verdade, mas o caminho. [...] deve-se ver como a tarefa do nosso tempo

o traduzir o resultado da ciência para a vida pessoal, apropriar-se pessoalmente desse. [...] Por isso, a realidade não quer ser recusada, e a nostalgia deve ser um amor sadio, não uma forma [...] de fugir do mundo. Pode então ser verdade, quando o romantismo suspira por algo de mais alto; mas [...] uma tal nostalgia mórbida é uma tentativa de querer ter o perfeito antes do tempo. A realidade adquire [...] sua validade na ação.

Temos agora duas noções elementares: cristandade e ironia. Será que entre Cristo e Sócrates o pensador dinamarquês preferiu o grego? Não, pois a ironia não é a verdade, mas bem pode ser o caminho! E pode ser posta a serviço da verdade, em especial num mundo de engano e simulação, pois de simulação e dissimulação ela entende.

Assim, ocorre no discurso retórico freqüentemente uma figura que traz o nome de ironia; e cuja característica está em se dizer o contrário do que se pensa. Ai já temos então uma definição que percorre toda ironia, ou seja, que o fenômeno não é a essência, e sim o contrário da essência. Na medida que eu falo, o pensamento, o sentido mental, é a essência, a palavra é o fenômeno (KIERKEGAARD, 1991, p. 215).

Há duas formas de dissimulação, e a segunda é a que mais incomoda os que se preocupam com a falta de seriedade, mas não com a falsa seriedade:

A forma mais corrente de ironia consiste em dizermos num tom sério o que contudo não é pensado seriamente. A outra forma, em que a gente brincando diz em tom de brincadeira algo que se pensa a sério, ocorre raramente (KIERKEGAARD, 1991, p. 216).

Após o primeiro milênio, toda a Europa estava conquistada para o cristianismo. Cristandade era sinônimo de civilização ocidental, sucedia ao Império Romano. Esse estado de coisas não resistiu outros mil anos. Em meados do século XIX, o pensador dinamarquês percebe que há algo de podre no reino da Dinamarca, e não só ali. Apesar da síntese de cristianismo e sistema filosófico, de cristandade e cultura, de Goethe e Hegel, algo não convence. O novo paganismo impera, sob a fachada sagrada da cristandade. Se Nietzsche vai acabar com a metafísica, Kierkegaard já presente o final da cristandade. Prova disso é o sucesso entre os leitores cultos dos aforismos morbidamente melancólicos de quem perdeu o sentido da vida – em plena cristandade dos mil pastores pagos pelo governo:

Não estou com vontade de fazer nada. Não estou a fim de andar a cavalo, é um movimento demasiado forte; não estou a fim de caminhar, é por demais cansativo; não tenho vontade de me deitar, pois ou teria de permanecer deitado, e não estou a fim disso, ou teria que me levantar de novo, e a preguiça não deixaria, de jeito nenhum. *Summa Summarum*: não sinto vontade de nada (VALLS, 2004, p. 19 et seq.).

Casa-te, tu vais te arrepender; não te cases, tu também vais te arrepender; casando ou não casando, em ambos os casos tu te arrependerás. Ri sobre a loucura do mundo, tu vais te arrepender; chora sobre a loucura do mundo, também vais te arrepender; rindo ou chorando sobre a loucura do mundo, em ambos os casos vais te arrepender; quer tu rias da loucura do mundo, quer chores por causa dela, em ambos os casos te arrependerás. Confia numa jovem, tu vais te arrepender; não confia nela, também vais te arrepender; confiando ou não confiando numa jovem, em ambos os casos te arrependerás; quer tu confies numa jovem, quer não confies nela, em ambos os casos te arrependerás. Enforca-te, tu vais te arrepender; não te enforques, também vais te arrepender; enforcando-te ou não te enforcando vais te arrepender; quer tu te enforques ou não te enforques, em ambos os casos te arrependerás. Esta, meus senhores, é a quinta-essência de toda a sabedoria [...] (VALLS, 2004, p. 26).

Uma melancolia mórbida tomou conta da Europa. Vivemos, anota ele em seus *Diários*, na época do Judeu errante, do desespero da falta de referências ou critérios, da desolação. A vida se torna amarga. Machado de Assis saberia do que estamos falando.

Minha concepção de vida é totalmente sem sentido. Eu suponho que um espírito mau colocou uns óculos em meu nariz, com uma lente que aumenta numa proporção monstruosa, e com outra lente que diminui na mesma proporção (VALLS, 2004, p. 21).

A vida transformou-se para mim em uma bebida amarga, e contudo ela deve ser ingerida como gotas, devagar, contando (VALLS, 2004, p. 22).

O personagem esteta, melancólico, não encontrou a verdade nem se sente em seu caminho, mas mesmo assim nada tem a ensinar aos demais, pois cansou de gritar. Não acredita em mais nada. Vive no tédio. O consolo que lhe resta, seu único ensinamento que poderia contribuir para o bem da humanidade, é tão curioso quanto irônico:

É muito estranho: é sempre a mesma coisa que ocupa os pensamentos de alguém através de todas as épocas da vida, e a gente avança sempre até o mesmo ponto, ou melhor, a gente recua. Quando eu tinha quinze anos, escrevi na escola, com grande unção, sobre as provas da existência de Deus e da imortalidade da alma, sobre o conceito da fé, sobre o significado do milagre. Para o *examen artium* (bacharelado) escrevi um pequeno tratado sobre a imortalidade da alma, pelo qual recebi um *prae ceteris* (excelente); mais tarde ganhei o grande prêmio por um tratado sobre esta matéria. Quem iria acreditar que depois de um começo tão sólido e promissor, eu haveria de chegar, aos meus 25 anos, a ponto de não ser capaz de desenvolver uma única prova da imortalidade da alma! Eu me lembro especialmente de meus tempos de escola, quando uma redação minha sobre a imortalidade da alma ficou

extraordinariamente famosa e foi lida em público pelo mestre, tanto por causa do conteúdo quanto pela excelência da linguagem. Ai, ai, ai! faz bastante tempo que joguei fora esta redação. Que infelicidade! Quem sabe se a minha alma incrédula não seria cativada por ela, tanto devido à linguagem quanto devido ao conteúdo? Então, aqui está o meu conselho aos pais, preceptores e mestres, que recomendem às crianças confiadas a eles que conservem consigo as redações de dinamarquês que escreverem aos quinze anos. Dar este conselho é a única coisa que sou capaz de fazer pelo maior bem da humanidade (VALLS, 2004, p. 24 et seq.).

"Guardar para mais tarde as redações escolares sobre temas religiosos": eis a saída oferecida... Belo conselho! A que distância chegou a civilização europeia, que dentro de cem anos produzirá um Hitler com milhões de alemães a ele submissos, forçando a esperança a esconder-se num sótão holandês, nos *Diários* de uma menina judia, Anne Frank: "Enquanto ainda houver este céu azul e sem nuvens, não tenho o direito de ficar triste" ("*Solange es diesen blauen wolkenlosen Himmel gibt, darf ich nicht traurig sein*").

## UMA SANTA HIPOCONDRIA

Se as filosofias do católico Descartes e do luterano Kant não evitaram a descrença e a falta de sentido dos séculos seguintes, surgiu também em Königsberg um outro pensador que não se interessava apenas pelo sucesso mundano e pelo comércio, pelas mercadorias, pelo capital, mas meditava sobre as aspirações mais universais. Sobre ele diz uma nota do final de *O conceito de angústia* (1844):

É portanto num significado mais elevado que Hamann toma a palavra hipocondria quando diz: "Esta angústia que há no mundo é, porém, a única prova de nossa heterogeneidade. Pois se não nos faltasse nada, não fariamos melhor do que os pagãos e filósofos transcendentais, que não sabem nada de Deus, e se agarram na amada natureza como os bobos; não teríamos nenhum acesso de saudade de casa. Esta inquietação impertinente, esta santa hipocondria constitui talvez o fogo com o qual nós, animais do sacrifício, temos de ser salvados e preservados da podridão do século corrente" (KIERKEGAARD, 1962-1964, p. 240).

A saudade de casa, num sentido maior, transcendente, provavelmente continua, para muitos, numa espécie de angústia dos desterrados. É o que Hamann quer dizer com sua "hipocondria", que em seu tempo valia como sinônimo de "melancolia", nostalgia. Santa nostalgia esta, que não permite que nos acostumemos com as paragens por onde temos andado... E o Zarastustra de Nietzsche canta mil vezes seu amor pela eternidade! Na canção das doze badaladas, o verso final acaso não afirma que até o prazer quer profunda, profunda eternidade? Algo mais, portanto, do que uma finitude pura e simples.

## SÓCRATES, CONDENADO À MORTE, NÃO SABE O QUE É MELHOR

Em 1841, na sua *Dissertação sobre a ironia*, Kierkegaard critica até seu amado filósofo Platão no que toca à questão da imortalidade, pois só a trata ocasionalmente. O jovem Kierkegaard se baseava nas reflexões do grande mestre e amigo Poul Martin Møller (+1838), segundo o qual a proposição sobre a imortalidade do homem seria uma reformulação – em linguagem filosófica – da doutrina cristã da ressurreição da carne. Doutrina esta que, seguindo Møller, o autor de *O conceito de angústia* (de 1844), afirmava ter de estar por toda parte, para que um sistema pudesse ser verdadeiro. Kierkegaard alude muitas vezes, em suas obras, ao "eterno no homem", sendo essa eternidade específica uma verdadeira síntese dialética, possibilitada pela eternização da história que se teria dado com a historização do eterno, esquematizadas no projeto B das *Migalhas filosóficas*.

Sócrates, irônico, condenado à morte, ao final da *Apologia*, despede-se de seus contemporâneos ressaltando sua ignorância sobre o essencial: "Aqui nos despedimos. Eu para a morte, vós para a vida. Quem ganhou a melhor sorte, ninguém sabe, só os deuses..."

## A ÉPOCA DO JUDEU ERRANTE

Se Kierkegaard enquanto filósofo se preocupa com a eternidade, também utiliza esta expressão no sentido impróprio, abstrato: menciona, desde *A Alternativa I*, ao lado de Don Juan e Fausto, uma terceira figura estética, Asverus, o "Judeu Errante" (chamado entre os germânicos o "Eterno Judeu" e modelo da personagem Kundry). O adjetivo "eterno" representa, nesse caso, um esforço infundável, sem descanso: desesperado. Uma nota dos primeiros *Diários (Papirer)* já dizia: "Nossa época é o tempo do desespero, o tempo do Judeu Errante" (*Pap. IA 181: "Den nærværende Tid er Fortvivlelsens Tid d. evige Jødes Tid"*). O desespero pode significar concreta e historicamente uma vontade sem rumo e sem decisão, buscando eternamente, sem saber o quê. Tal eternidade não se sintetiza dialeticamente com o tempo no instante decisivo. Desespero é algo mais do que melancolia, é resignação e desistência, é uma renúncia ao combate, ao esforço.

Um cristianismo que se resume a repetir fórmulas em que supostamente se crê, e em ritos que se seguem nos períodos da infância (e que se abandonam quando se amadurece para o mundo), nada mais tem a ver com a Boa nova que o profeta de Nazaré anunciou há dois milênios. Na polêmica com a Igreja oficial do Estado dinamarquês, Kierkegaard, cansado de ouvir premissas sem conclusões, resume tudo na única frase: "o cristianismo não existe".

## "O CRISTIANISMO NÃO EXISTE!"

Kierkegaard concordaria com Nietzsche em que o cristianismo jamais se resume a um tomar-algo-por-verdadeiro (*etwas für wahr halten*), pois:

Em geral, dois são os desvios fundamentais com respeito ao cristianismo: 1) o cristianismo não é uma doutrina, mas uma mensagem existencial. [...] Por isso, cada geração deve começar pelo princípio: essa erudição sobre as gerações passadas é essencialmente supérflua [...]. 2) Em consequência (posto que o cristianismo não é uma doutrina), no tocante ao cristianismo não é indiferente a pessoa que o expõe, como seria no caso de uma doutrina, contanto que esta exponha (objetivamente) o verdadeiro. Não, Cristo não instituiu docentes – mas seguidores. Se o cristianismo (precisamente porque não é uma doutrina) não se reduplica em quem o expõe, este não expõe o cristianismo, pois o cristianismo é uma mensagem existencial e só pode ser exposto com a existência. Em suma, existir nele é expressá-lo existindo, isto é, reduplicando-o (KIERKEGAARD, 1909, IX A 207).

Cristo não instituiu docentes: não se negam os méritos do esforço de aproximar razão e fé, das tentativas de síntese, de filósofos e teólogos. Mas fica sugerida uma independência entre a fé cristã e o sucesso ou fracasso dos sistemas metafísicos. Se uma época pós-metafísica pode coincidir no tempo com uma sociedade pós-cristã, não há de haver necessariamente uma conexão lógica entre os dois fenômenos, ou um paralelismo estrito.

Há, entretanto, nessa citação uma nota que foi depois negligenciada por Nietzsche: a importância do testemunho da vida de quem pretende apresentar o cristianismo. O pensador de Copenhague, leitor de Paulo e de Agostinho, adiciona outro dado, contra o qual Nietzsche protestaria: a noção de que o homem peca. Compare-se o § 49 do *Anticristo* com a seguinte anotação dos *Diários* de Kierkegaard:

Sim, é verdade, existe humanamente falando uma certa crueldade no cristianismo. Isso não depende dele, mas do fato de que deve existir, manifestar-se e desenvolver-se num mundo de pecado. A crueldade não reside no cristianismo, mas no que lhe sucede. Em si, o cristianismo é todo suavidade e amor, nada senão amor ou amor personificado. É verdade, humanamente falando, que há certa crueldade no que se exige de um cristão – não precisamente no que se exige dele, mas no que lhe sucede. Pois isso não depende do cristianismo, mas, de uma parte, do fato de que o homem é um pecador e, de outra, porque o mundo no qual deve existir é pecador (KIERKEGAARD, 1909, IX A 329).

Quando define, sem recorrer à metafísica, como essencial ao cristianismo autêntico o conflito com o mundo e a importância de um ascetismo, a oposição Kierkegaard *versus* Nietzsche é frontal.



Li no Novo Testamento que anunciar o cristianismo é o caminho que leva à zombaria, à perseguição e à morte. Minha vida exprime pelo menos que anunciar o cristianismo é o caminho que leva a não ser nada. (O falecido bispo) Mynster exprime que é o caminho para fazer a mais brilhante das carreiras, o caminho que leva à vida mais rica em prazer (KIERKEGAARD, 1909, X3 A 215).

Enfim, há passagens no discurso kierkegaardiano, como em *O conceito de angústia*, em que ele considera explicitamente como um desvio interpretar numa perspectiva metafísica os fenômenos existenciais mais importantes, tais como a morte e a imortalidade, o tempo e a eternidade:

Concebe-se a eternidade metafisicamente. No idealismo de Fichte, o Eu se confunde com a autoconsciência eterna. "Fala-se tanto da imortalidade que a gente afinal se torna não imortal, mas a própria imortalidade." E apesar de tudo, de repente se descobre que a imortalidade não coube no sistema, e agora há que lhe indicar um lugar num Apêndice... Møller tinha pois muita razão ao dizer "que a imortalidade tem de estar presente por toda parte" (KIERKEGAARD, 1997, p. 452).

## COMO PREPARAR UMA CATÁSTROFE

A crítica nietzschiana é bem conhecida. A polêmica kierkegaardiana, só de ouvir dizer. Vale a pena, então, reproduzir uns trechos dos artigos que ele publicou no panfleto *O instante*, nos últimos meses de sua existência. Pertencem a um gênero literário específico, e serão mal-entendidos se ignorarmos três pressupostos: 1. Kierkegaard ironiza, exerce sua maiêutica; 2. ele, que sabe grego, anota nos *Diários* que iria mostrar como se prepara uma "catástrofe"; e 3. atua "a caráter", como se estivesse no teatro. Já que os sofistas da época não tiraram conclusões das premissas, ele traz as conclusões, sem demonstrar as premissas.

"O recém-nascido", diz a cristandade, "não pode, evidentemente assumir pessoalmente a promessa do batismo. Para isso, é preciso ser uma verdadeira pessoa". Também escolheu-se – gênio ou espirotuosidade? – a idade de 14 ou 15 anos: a pessoa está formada e nada a impede. O adolescente pode tomar a seu cuidado a promessa feita em nome do recém-nascido em seu batismo. Um rapaz de quinze anos! Se se tratasse de dez coroas, o pai diria: "Não, meu rapaz, ainda não, és muito pequeno, meu amigo". Mas para a salvação eterna e quando se trata de trazer como pessoa real uma seriedade pessoal, um ato que não se poderia qualificar de sério, no sentido profundo da palavra, em que se obriga pela promessa um recém-nascido: a idade de quinze anos é a mais conveniente.

[...]

Quando um Estado se reduz, o número pode diminuir tanto que o Estado desaparece. Seu conceito se esvazia. [...] O cristianismo está em razão inversa ao número: quando todos se tornarem "cristãos" ter-se-á evaporado o conceito de "cristão". É, com efeito, um conceito polêmico. Não se pode ser cristão senão estando em oposição ou se tomando uma atitude de oposição. Vê-se também no N.T. quando Deus exige ser amado, e tomando assim uma atitude de oposição para intensificar o amor, de sorte que o cristão, amando a Deus, opõe-se aos outros, dos quais sofre finalmente o ódio e a perseguição. Suprimida a oposição, é uma bobagem ser cristão, como ocorre na "cristandade" que suprimiu astuciosamente o cristianismo: somos todos cristãos.

[...]

Eis a fórmula: quando o indivíduo chega à idade em que poderia tratar de tornar-se cristão segundo o N.T., acha que não pode absolutamente resolver-se a isto. Ao contrário, o que verdadeiramente deseja é casar-se. Diz para si mesmo: "Estou muito velho já para tornar-me cristão" [...]. "Vou, pois, casar-me, procriar crianças e essas se tornarão cristãs." Magnífico! E quando estas crianças tiverem cada uma chegado à idade em que, segundo o N.T., poderia tratar-se de tornar-se cristão, raciocina cada uma como o senhor seu pai e a senhora sua mãe antes delas. [...] Abracadabra. Amém, amém, amém, para a eternidade e glória aos pastores! Tal é o segredo da "cristandade". [...] Há uma aliança secreta entre qualquer pastor e as parteiras. [...] Compreendem entre si que têm essencialmente o mesmo ganha-pão – e o pastor está ligado por juramento ao N.T., que preconiza o celibato.

[...]

Minha tarefa é socrática. Ela consiste em revisar a noção do ser-cristão: não digo que sou um cristão [...], mas posso mostrar que os outros o são menos do que eu. Nobre e simples espírito da Antigüidade, tu, o único que com admiração reconheço como pensador [...]. A "cristandade" está mergulhada num abismo de sofistica bem pior que o que florescia na Grécia no tempo dos sofistas. Estas legiões de pastores e docentes cristãos: tão sofistas que, seguindo o que é próprio do antigo sofista, ganham o pão fazendo as pessoas, que não compreendem nada, presumir que sabem algo, fazendo desta massa o tribunal que decide o que é a verdade e o que é cristianismo.

[...]

Homem comum, homem do povo. Não separei minha vida da tua. Tu o sabes. Vivi na rua, sou conhecido de todos. [...] Não te escondo que a meus olhos o ser-cristão é de uma sublimidade tão infinita que, segundo a confirmação que dá a vida de Cristo, quando se observa seus contemporâneos e segundo as indicações de sua pregação, quando a gente a toma ao pé da letra, só alguns indivíduos chegaram a isso: entretanto, ela é acessível a todos. Mas há uma coisa da qual eu te conjuro diante de Deus, pelo amor do céu e por tudo o que é sagrado: foge dos pastores, foge destes repugnantes personagens cujo ganha-pão consiste

em te impedir de prestar atenção ao verdadeiro cristianismo para fazer de ti, nos vapores do galimatias e da ilusão, o que entendem por um verdadeiro cristão, um membro pagante da Igreja de Estado ou Nacional. Foge deles, mas cuida de pagar-lhes de bom coração e sem atraso o dinheiro que lhes é destinado. Com aqueles a quem a gente despreza não se deve ter nenhuma diferença de dinheiro, pois dir-se-ia talvez que se a gente foge deles é para não pagá-los. Não, paga-os duplamente, a fim de tornar manifesto teu desacordo com eles, a fim de que sua preocupação, o dinheiro, não seja a tua e, ao contrário, a fim de que o que não os preocupa, te preocupa a ti infinitamente – o cristianismo (KIERKEGAARD, 1978, p. 334, 338, 339 et seq., 343, 346 et seq.).

### LUTERO DIZIA PARA NÃO PREGAR NAS IGREJAS...

Embora lamente que Lutero dissesse numa igreja que não se deveria pregar nas igrejas, e sim nas ruas, Kierkegaard tem muita consciência metodológica e insiste em que seus discursos, que constituem quase metade da produção publicada, não são sermões, e que, portanto, ele não faz pregação. Os discursos, que até deveriam ser lidos em voz alta, não têm autoridade eclesial, nem se apoiam na Sagrada Escritura como autoridade última: eles não passam de reflexões, considerações ou ponderações. Essa última categoria enfatiza a pressão ou a urgência em serem tais verdades transportadas para a prática, para a vida do dia a dia, para a existência pessoal, como verdades "apropriadas" pelo indivíduo.

Tomemos, por exemplo, os sete discursos de 1847 intitulados: *Evangelho dos sofrimentos*. Podemos apelidá-los a "gaia ciência" desse dinamarquês. No primeiro discurso ("O que significa e o que traz de alegria a ideia de seguir a Cristo") (SV<sup>3</sup>, v. 11, "*Opbyggelige Taler i forskjellig Aand*", p. 203-214), a primeira palavra do texto (após a oração e a citação de Lucas 14:27) é *Veiledning*, "orientação para o caminho" (da vida). Caminhar não é teoria, é uma prática, como sabem os peregrinos. Só há um caminho verdadeiro para os "milhares e milhares" que carregam o nome de "cristãos", ou "crentes". Como os cristãos devem carregar cada um a sua cruz, "o caminho deles pelo mundo não é leve ou fácil como uma dança, mas pesado e cansativo, embora a fé seja ao mesmo tempo para eles a alegria que vence o mundo" e assim eles podem chamar-se "seguidores de Cristo" (SV<sup>3</sup>, v. 11, p. 204).

Trata-se mesmo de "seguir", e não só de receber passivamente uma herança ou proteção. O exemplo oferecido, da galinha que de asas abertas protege seus pintinhos, é tão tradicionalmente bíblico quanto filosoficamente esclarecedor para mostrar que não basta sentir-se protegido, perdoado, escolhido, "predestinado", amado como filho; nem, para citar Schleiermacher, "um sentimento de absoluta dependência", pois ainda falta algo. A apropriação, que Lutero chama *Aneignung*, é uma atitude prática que consiste, para falarmos em latim, numa *imitatio* ou, em dinamarquês: *Efterfølgelse* (seguimento).

A quem via Kierkegaard indeciso "entre Sócrates e Cristo", surpreende o modo como ele evoca aqui o "nome de Jesus Cristo, que está acima de todo nome no céu e na terra". O autor do *Evangelho dos sofrimentos* insiste em que alguém a rigor só segue o seu modelo quando este se ausenta, se esconde, ou ascende para outro lugar e deixa sozinho o seguidor: "Cristo precisava ir embora, precisava morrer", para que se pudesse mostrar "se o discípulo iria segui-lo". Para segui-lo há que "andar por si só e andar desacompanhado" (SV<sup>3</sup>, v. 11, p. 205).

Nesse contexto, acumulam-se as citações de Mateus 16:24 ("Se alguém quiser vir comigo, renuncie-se a si mesmo, tome sua cruz e siga-me") e Filipenses 2:6 et seq.. ("Sendo ele de condição divina, não se prevaleceu de sua igualdade com Deus, mas aniquilou-se a si mesmo, assumindo a condição de escravo e assemelhando-se aos homens. E sendo exteriormente reconhecido como homem, humilhou-se ainda mais, tornando-se obediente até a morte, e morte de cruz"). São palavras duras. Nem todas pertencem a Paulo, e sempre causarão certo desassossego entre os leitores de um Nietzsche que afirma a vida de modo talvez demasiado direto e unilateral, onde parece não caber um amor que se sacrifica para que os outros tenham mais vida. Mas o cristianismo de Kierkegaard não é um conjunto de proposições, de afirmações, com ou sem sentido, e sim "comunicação de vida": o mestre e salvador veio ao mundo para que tivéssemos vida em abundância.

## DEUS É AMOR

*O conceito de angústia*, em sua alentada "Introdução", mencionava uma chamada "segunda ética", que se diferenciaria da primeira por não se basear na metafísica, mas na dogmática. O que significaria essa distinção? Basicamente, o seguinte: as éticas filosóficas fundamentam-se, desde Kant ao menos, numa lógica elementar, num princípio de não contradição. Pois bem, a "segunda ética" precisaria basear-se na revelação bíblica. Em se tratando de uma ética cristã, teria de basear-se no mandamento do amor (Jo 13:34-35). *As obras do amor*, livro de 1847, pode então ser visto como um "tratado da ética segunda", embora o subtítulo diga: "Algumas considerações (ou: ponderações) cristãs em forma de discursos". O mandamento do amor não se fundamenta numa lógica pura, mas na revelação de que Deus é amor. Trata-se de uma ética formal, num certo sentido até "formalista", no sentido de que tudo deve adquirir a forma do amor, da caridade, sendo o "mandamento" o nome cristão do dever, que, como sabemos, caracteriza o formalismo kantiano.

A *Oração* que inaugura o livro, antes da primeira série de considerações, já apresentava, invocando-o, um amor que é divino e inclusive trinitário, amor que nos amou primeiro, amor a quem pertence toda iniciativa no céu e na terra:

Como se poderia falar corretamente do amor, se Tu fosses esquecido, ó Deus do Amor, de quem provém todo o amor no céu e na terra; Tu, que nada poupaste, mas tudo entregaste em amor; Tu que és amor, de modo que o que ama só é aquilo que é por permanecer em Ti! Como se poderia falar corretamente do amor, se Tu fosses esquecido, Tu que revelaste o que é o amor; Tu, nosso salvador e reconciliador, que deste a Ti mesmo para libertar a todos! Como se poderia falar corretamente do amor, se Tu fosses esquecido, Espírito de Amor, que não reclusas nada do que é próprio Teu, mas recordas aquele sacrifício do Amor, recordas ao crente que deve amar como ele é amado, e amar ao próximo como a si mesmo! Ó, Amor Eterno, Tu que estás presente em toda parte e nunca deixas sem testemunho quando Te invocam, não deixa sem nenhum testemunho aquilo que aqui deve ser dito sobre o amor, ou sobre as obras do amor. Pois decerto há poucas obras que a linguagem humana denomina, específica e miudamente, obras de amor; mas no Céu certamente é assim: lá nenhuma obra pode agradar se não for uma obra de amor: sincera na abnegação, uma necessidade de amor, e justamente por isso sem a pretensão de ser meritória! (KIERKEGAARD, 2005, p. 18).

Com tal *Oração*, que enquanto invoca narra como é Deus, e que não poderia faltar no início de um tratado como este – como não faltou uma oração inicial para Santo Anselmo quando este se dispôs a desenvolver seu famoso *Argumento* –, ficamos sabendo liminarmente o que ou quem é o amor, e ficamos sabendo desde logo que fomos amados primeiro, e infinitamente, por um Amor que tem uma lógica diferente da lógica do amor que um Feuerbach poderia imaginar. Embora se torne um dever, não há propriamente mérito em amar, pois, por mais que amemos, jamais conseguiremos saldar a dívida infinita, e é por isso que a última da primeira série das considerações lembra Romanos XIII:8, reflete sobre "nosso dever de permanecer em dívida de amor uns para com os outros", e desenvolve uma dialética do infinito com todos os seus paradoxos inevitáveis quando extrapolamos das realidades finitas. Diferentemente do poeta, que se preocupa com a inspiração afortunada e com o resultado do poema, aqui a seriedade está em que o elogio retrate fielmente "a própria relação com Deus" que "deve ser para ele mais importante do que o resultado" (KIERKEGAARD, 2005, p. 90), pois: como falar do amor, separado do verdadeiro Amor? O texto o confessa claramente:

Mas Deus é amor. Quem poderia elogiar o amor melhor do que aquele que ama a Deus na verdade, pois ele se relaciona afinal da única maneira correta com o seu objeto: ele se relaciona com Deus e o faz amando de verdade (KIERKEGAARD, 2005, p. 91).

## UMA DEFINIÇÃO PÓS-METAFÍSICA DA ATITUDE DA FÉ

Michael Theunissen chama *A doença para a morte* de "o legado espiritual de Kierkegaard", não obstante tratar-se de um livro pseudônimo, como tantos outros. O texto é muito rico,

inclui filosofia e teologia. Mas houve momentos em que o autor riscou e trocou expressões que pertenciam à teologia, para manter-se num nível filosófico, não metafísico. Substituiu a expressão verbal "que o criou" pela expressão "que o estabeleceu (ou: pôs, constituiu)", na justamente célebre conclusão da página inicial do livro.

Outro professor aposentado de Berlim, E. Tugendhat, elogia justamente essa obra porque nela Anticlimacus/Kierkegaard não define o homem em termos de uma metafísica substancialista. Se Kant resumia suas três grandes perguntas numa só "O que é o homem?" ("*Was ist der Mensch?*"), Kierkegaard não apela, ao responder, para o animal racional da definição aristotélica. Inicia o livro numa linguagem lacônica e precisa:

O homem é espírito. Mas o que é espírito? Espírito é o si-mesmo. Mas o que é o si-mesmo? O si-mesmo é uma relação que se relaciona consigo mesma, ou consiste no seguinte: que na relação a relação se relacione consigo mesma; o si-mesmo não é a relação, mas consiste em que a relação se relacione consigo mesma (ALMEIDA; VALLS, 2007, p. 71).

A página prossegue com inspiração dos idealistas alemães (em especial Schelling, com a ideia do absoluto derivado), mas também de Agostinho, com sua ideia da divindade oculta no interior de nosso íntimo. O livro fala muito do desespero (daí más traduções do título como "Tratado do desespero"), mas a página fundamental culmina numa formulação que traduz em termos existenciais a atitude da fé (bíblica):

Pois essa é a fórmula que descreve o estado do si-mesmo quando o desespero está completamente erradicado: relacionando-se consigo mesmo, e querendo ser ele mesmo, o si-mesmo se funda transparentemente no Poder que o constituiu (ALMEIDA; VALLS, 2007, p. 72).

Eis aonde a ironia dominada por Kierkegaard lhe permitiu chegar. Consegue evitar os termos da revelação, assim como dispensa terminologia metafísica, mas descreve, numa fenomenologia existencial (apesar de Heidegger: tanto *existentiell* quanto *existential*), a *performance* do si-mesmo quando este se apoia num Deus sobre o qual se fala no silêncio, numa narrativa que relaciona Deus e a criatura, num discurso pós-metafísico.

## **EXEMPLO DE UM DISCURSO PÓS-METAFÍSICO, ATUAL, NA CARONA DE KIERKEGAARD**

Citamos Tugendhat, a ressaltar que esse livro não usa a metafísica substancialista. Vejamos o próprio Jürgen Habermas (2004) tentar basear uma contribuição sua ao tema urgente da eugenia liberal, e com isso do futuro da natureza humana – justamente em textos de

Kierkegaard, como *A doença para a morte*. Habermas teria sido, porém, mais convincente, se não abandonasse a teoria do dinamarquês no meio do caminho. Já é estranho ver Habermas falando sobre natureza humana, tema por si só bastante metafísico. Mas ele, em Zurique, terra de Max Frisch, literato marcado pela dialética kierkegaardiana, faz apelos ao "tornar-se-si-mesmo" kierkegaardiano, o qual a rigor deveria exigir, a certa altura, uma referência de tipo agostiniano ao Criador, o que Habermas não aceita fazer. Mas reconhece: "Kierkegaard foi o primeiro a responder à questão ética e fundamental sobre os êxitos e fracassos da própria vida com um conceito pós-metafísico do 'poder ser si mesmo'" (HABERMAS, 2004, p. 8).

É verdade que para Kierkegaard – que não é um Sartre – o homem não *se cria* a si mesmo, com total livre-arbítrio e sem modelos, e Habermas (2004, p. 11) reproduz fielmente: "Ele pode muito bem dizer que é seu próprio redator; mas ele é o redator responsável [...] pela ordem das coisas em que ele vive, responsável perante Deus".

De fato, ao descrever as duas formas fundamentais do desespero, o livro de 1849 equiparava um desesperado "querer ser si mesmo" com o "não querer ser si mesmo". Pois há um querer que é pura "obstinação ou desafio" (chamado às vezes de "forma masculina do desespero"), e em Kierkegaard

[...] o fracasso desesperado desse último ato de força – do querer ser um si mesmo totalmente obstinado por si mesmo – move o espírito finito para a transcendência de si mesmo e para o reconhecimento da dependência em relação a um outro, em que a própria liberdade se funda (HABERMAS, 2004, p. 13).

Mas, para o bem ou para o mal, Habermas se aparta por aqui de Kierkegaard, substituindo o "absolutamente Outro" do cristão por uma instância mais de acordo com o "*linguistic turn*" da filosofia do século XX. Será que com isso ele se tornou mais liberal, quanto às pesquisas, ou mais conservador; menos corajoso, dependente de alguma tradição cultural que é mais estática que um Deus poderoso? Talvez um Deus transcendente fosse até mais aberto às mudanças e ao progresso, e mesmo à liberdade individual e familiar, inclusive em assuntos de procriação e de programação genética, do que uma certa cultura europeia, moderna, contraposta ao liberalismo dos americanos, mas encarada como o "outro" do qual dependemos: o nosso universo linguístico, dentro do qual, segundo Habermas, justificamos nossas escolhas individuais e familiares.

O impasse habermasiano sugere que ainda convém voltar ao pensamento sinfônico do autor dinamarquês para retomar um discurso irônico, e mesmo assim coerente, sobre Deus e sobre suas criaturas, numa perspectiva pós-metafísica, numa sociedade pós-moderna e na pós-cristandade.

## The narrative of god in the post-all society: strategy irony Kierkegaard

**Abstract** – After the first millennium, all of Europe was conquered for Christianity. Christianity was synonymous with Western civilization, succeeded to the Roman Empire. This state of affairs could not resist another thousand years. In the mid-nineteenth century Danish thinker Søren Kierkegaard senses that something is rotten in Denmark, and not only there. Although the synthesis of Christianity and philosophical system of Christianity and culture, Goethe and Hegel, something unconvincing. The new paganism prevails, under the guise of Christianity sacred. If Nietzsche will end up with metaphysics, Kierkegaard already anticipates the end of Christendom. The metaphor of "dig out" applies to the work of Kierkegaard, but: what it can mean "to exhume the concepts of Christianity"? This means that their role was not to "preach Christianity" or to invent some new religious doctrine, nor a philosophical reconstruction of Christianity, but rather was to rediscover and unearth those concepts in their primitive, and bringing to light essential aspects of the central concepts of Christianity.

**Keywords:** Kierkegaard, Christianity, irony, God, post-metaphysical discourse.

### REFERÊNCIAS

ALMEIDA, J. M.; VALLS, A. L. M. *Kierkegaard*. Rio de Janeiro: Zahar, 2007.

HABERMAS, J. *O futuro da natureza humana*. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

KIERKEGAARD, S. *Papirer (Pap.)*. Copenhagen: Gad, 1909 et seq. 11 v., 20 t.

\_\_\_\_\_. *Samlede Vaerker (SV<sup>3</sup>)*. Copenhagen: Gyldendal, 1962-1964.

\_\_\_\_\_. *Textos selecionados*. Seleção Ernani Reichmann. Curitiba: UFPR, 1978.

\_\_\_\_\_. *O conceito de ironia*: constantemente referido a Sócrates. Tradução Alvaro L. M. Valls. Petrópolis: Vozes, 1991.

\_\_\_\_\_. *Skrifter, Udgivet af S. Kierkegaard Forskningscenteret (SKS)*. Copenhagen: Gad, 1997.

\_\_\_\_\_. *As obras do amor*. Tradução Alvaro L. M. Valls. Bragança Paulista: São Francisco; Petrópolis: Vozes, 2005.

\_\_\_\_\_. *Adquirir a sua alma na paciência*: dos quatro discursos edificantes (1843). Tradução N. Ferro e M. Jorge de Carvalho. Lisboa: Assírio & Alvim, 2007.

VALLS, A. L. M. (Org.). *Do desespero silencioso ao elogio do amor desinteressado*: aforismos, novelas e discursos de S. Kierkegaard. Porto Alegre: Escritos, 2004.